

NEOLOGISMOS EM VIVA O POVO BRASILEIRO (JOÃO UBALDO RIBEIRO, 1984): UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA E ESTILÍSTICA

Aurora Viana de Sá (IC) e Ronaldo de Oliveira Batista (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

Este trabalho busca analisar as formas de derivação sufixal ocorrentes na língua portuguesa, em específico a variante brasileira. O diminutivo na língua portuguesa é vetor de grande parte de toda a produtividade e criatividade lexical nacional, como também para as variantes europeia, africana e de outras regiões lusófonas. Dentre todos os sufixos categorizados como diminutivos no português, o sufixo *-inho* ganha posição de destaque devido à sua produtividade excelente, ultrapassando as próprias limitações determinadas aos sufixos nominais pela gramática normativa, ou seja, sufixações além da clássica união com substantivos e adjetivos. Sendo por meio dos meios de comunicação de massa e de obras literárias meios no quais frequentemente encontramos novos termos, justifica-se como corpus deste trabalho a obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, por ser um livro riquíssimo em representar a fala do povo através de seus personagens de diversos contextos históricos, regiões geográficas, contextos sociais, classe, raça e gênero. Neste trabalho examinaremos quão minuciosa e precisa são as mais simples mudanças na sufixação de uma palavra, muitas vezes suficientes para alterá-la semanticamente, mesmo que somente no contexto no qual essa mesma palavra se encontre. Em específico, como ocorre também a mudança semântica em verbetes sufixados com *-inho*, porém com ou sem a presença da consoante de ligação *-z-*.

Palavras-chave: Sufixo *-inho*. Neologismo. Estilística.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the forms of suffix derivation occurring in the Portuguese language, specifically the Brazilian variant. The diminutive in the Portuguese language is the vector of most of the national lexical productivity and creativity, as well as of the European, African variants and for other Lusophone regions. Among all the suffixes categorized as diminutives in Portuguese, the suffix -inho gains a prominent position due to its excellent productivity, overcoming the limitations determined for nominal suffixes by the normative grammar, that is, suffixations beyond the classic union with nouns and adjectives. As it is through the mass media and literary works that we often find new terms, the work Viva o povo brasileiro, by João Ubaldo Ribeiro, is justified as a corpus of this work, because it is a book that flourishes in representation of the speech of the people through its characters from various historical contexts, geographical regions, social contexts, class, race and gender. In

this work we will examine how detailed and precise are the simplest changes in the suffixation of a word, often enough to alter it semantically, even if only in the context in which this same word is found. Specifically, as occurs also the semantic change in entries suffixed with -inho, but with or without the presence of the connector consonant -z-.

Keywords: Suffix *-inho*. Neologism. Stylistics.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho surgiu com a vontade de aprofundar os estudos sobre etimologia e neologismo, sendo ambos os temas interligados pelo estudo do léxico de uma língua. Também foram tema central desta pesquisa as áreas de estudo da produtividade lexical e da estilística. Assim, por um lado, há a criação de novos termos, a expansão do léxico de uma determinada língua; do outro, existe o léxico, parte viva da língua, que se manifesta pelos seus falantes, que, por sua vez, remodelam palavras, recombinações lexemas e recriam sentidos para palavras já estabelecidas.

Nesse campo de análise, o objeto de estudo é especificamente observar e entender como os personagens do livro *Viva o povo brasileiro*, publicado por João Ubaldo Ribeiro em 1984, passeiam pela língua, e, assim, como isso se reflete na própria produtividade lexical por meio da criação e utilização de neologismos. Além disso, examinar a incidência de neologismos nas falas dos personagens do livro, compreender como são formados e a que categorias pertencem, e quais significados possuem.

Ao falarmos em léxico, que é o conjunto de todas as palavras de uma língua, podemos entendê-lo como um campo em eterna e constante disputa entre a sua manutenção e sua atualização por parte de seus falantes. Em outras palavras, cada falante de uma língua contribui para o desuso, a manutenção, a renovação, a ressignificação e a criação de palavras e expressões de seus próprios idiomas. A esses processos dinâmicos do vocabulário de desuso e de criação, dão-se os nomes de arcaísmo e neologismo, respectivamente.

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística. Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo (ALVES, 2004, p. 5).

Justamente por conta de tal dinamicidade da língua e de seu aspecto vivo, é bastante intangível quantificar o tamanho de um léxico. De forma igualmente abstrata, há o problema de determinar em que momento uma palavra deixa de ser um neologismo e começa a ser parte concreta e contemporânea do léxico. Com esse problema, surge a necessidade de determinar como corpus de um dito idioma os verbetes e as entradas presentes nos principais dicionários daquele país ou daquela língua. Mesmo que por um lado haja problemas quanto ao atraso de atualização das entradas de dicionários em relação ao surgimento das novas palavras em uso e quanto a um filtro ideológico que seleciona quais novos termos têm a qualidade de 'palavra oficial' para eternizarem-se no

dicionário, por questões de praticidade acadêmica e de pesquisa, os dicionários se encontram como uma das melhores fontes de consulta para essas situações.

Já se tratando da produtividade lexical e da estilística, analisar-se-á principalmente como o desenvolvimento lexical ocorre e qual é o produto disso, visando os contextos sociais e econômicos resultantes do corpus escolhido.

Assim sendo, optou-se pela escolha da obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, por conta da riqueza de personagens e da fidedigna representação social que estão presentes na história do livro. Esse livro – por possuir incontáveis personagens, cujas vozes são o principal objeto de estudo para este trabalho, que vivem por todas as épocas da história do Brasil, do seu surgimento até a década de 70, a última década anterior à publicação do livro – é um corpus valioso tanto para a produtividade lexical, existente na fala de cada personagem do livro, quanto para o estudo sobre neologia, que, atravessado também pela estilística, é aparente por toda a narrativa.

Após o levantamento das palavras a serem analisadas neste trabalho, notaram-se alguns padrões que permeavam a fala de praticamente todos os personagens. Esses padrões eram: o uso e a presença constante de termos oriundos de religiões e idiomas africanos, onomatopeias e diminutivos. Consequentemente, o campo de análise aparentava ser muito extenso para o propósito deste trabalho. Assim, por motivos de tamanho de escopo como também relevância como um estudo sobre a fala do povo brasileiro, mesmo com um filtro literário, foi escolhido como foco de estudo o diminutivo usado no livro, a fim de ser possível a pesquisa mais aprofundada em apenas um tópico do que a pesquisa mais rasa em vários.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Como base teórica para consulta e desenvolvimento deste trabalho, utilizamos como fonte obras nacionais relevantes para os assuntos vigentes nesta pesquisa. Entre diversos pesquisadores, como principais fontes de pesquisa podemos citar Ieda Maria Alves, em seu estudo de neologismo, Antônio Geraldo da Cunha e Mário Viaro, com sua contribuição com o dicionário etimológico e o manual etimológico, respectivamente, e Nilce Sant'Anna Martins, com a sua extensa obra de referência sobre a estilística, entre outros autores.

Dessa forma, retomando o nome de Antônio Geraldo da Cunha, utilizamos o seu *Dicionário Etimológica da Língua Portuguesa*, devido à sua posição de prestígio dentre os diversos dicionários etimológicos à disposição atualmente, como fonte de auxílio principal em relação a algumas informações dos diminutivos presentes no corpus deste trabalho. Primeiramente publicado em 1982, continua sendo revisado e atualizado a fim de se manter

como ponto de referência para pesquisadores de todas as áreas. Assim, de acordo com Ricardo Cavaliere, Membro da Academia Brasileira de Filologia, em capítulo introdutório:

A. G. Cunha, como especialista em matéria lexicográfica, tinha a exata dimensão das dificuldades enfrentadas pelos que se dedicam à árdua tarefa de elaborar um vocabulário etimológico, sobretudo em uma língua que se ressentia ainda hoje da desejável pesquisa histórica na área dos estudos diacrônicos. A preocupação de A. G. Cunha [...] se observa igualmente na consignação de numerosos neologismos, alguns dos quais, conforme atesta o Autor, ainda não registrados nos dicionários contemporâneos (DA CUNHA, 2011, p. VI).

Ieda Maria Alves, em seu livro *Neologismo: Criação lexical*, complementa e introduz o tema da derivação sufixal (no caso desta pesquisa, os sufixos com valores diminutivos) ao dizer que “o estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição” (ALVES, 2004, p. 5). Mário Eduardo Viaro (2014, p. 3) atesta que os afixos são sílabas significativas que expandem o sentido da raiz à qual eles estão afixados (criando assim um radical) e que “tanto o latim quanto o português dispõem de grande número de sufixos derivacionais” (2014, p. 13). Portanto, “por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com freqüência, altera-lhe a classe gramatical”. O sufixo é o elemento da língua portuguesa de mais alta produtividade lexical (MARTINS, 2012, p. 145), sendo os diminutivos, devido a fatores culturais, alguns dos mais produtivos de toda a língua.

Além da utilização do dicionário etimológico e da consulta de outros materiais da mesma área, para esta pesquisa houve a necessidade de apoiarmo-nos nos conhecimentos das áreas de estilística e produtividade a fim de haver um melhor embasamento em relação à própria criação das palavras selecionadas para o corpus atual.

O diminutivo pode exprimir, de um lado, a apreciação, o carinho, a delicadeza, a ternura, a irritação, a cortesia e, de outro, a depreciação, o desdém, a irritação, a ironia, a gozação, a hipocrisia. Está na fala de todos, cultos ou ignorantes, e só não aparece com um tom afetivo nos textos escritos que têm por meta a objetividade e, portanto, só admitem o diminutivo nocional, exprimindo a ideia de tamanho pequeno, sendo que, em muitos casos de diminutivo erudito, mesmo a ideia de pequenez passa despercebida [...] (MARTINS, 2012, p. 146).

Os sufixos, e principalmente os diminutivos, possuem enorme produtividade lexical. E de igual extensão é o tamanho do corpus selecionado para esta pesquisa, no caso, *Viva o*

povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, cujo conteúdo e história representam, literariamente, a história do povo brasileiro por meio de diversos personagens. Esses personagens representam e pertencem às mais diversas regiões e classes sociais do Brasil; eles representam a cultura nacional. Devido ao tamanho restrito de uma pesquisa como esta, como também devido a tudo já atestado, foi de maior interesse para a própria pesquisa não focarmos nem almejarmos analisar o livro todo, mas sim selecionarmos os verbetes mais relevantes e interessantes para uma análise com o viés mais qualitativo, não quantitativo.

Se fôssemos analisar quantitativamente, haveria mais de 600 únicos¹ vocábulos, termos e expressões produzidos no diminutivo durante o livro, sendo, desses mais de 600 vocábulos, pouco mais de 480 com os sufixos *-inho* e *-inha*. A forte presença desse sufixo já é relatada por Antônio Geraldo da Cunha, na entrada do dicionário para *-ino* e *-ina*.

-ino, -ina *suf. nom.* de origens e funções distintas: [...] no latim o suf. *-īnus -īna -īnum* assumira, também, uma função diminutiva, em decorrência da noção de 'origem, descendência', que ele exprime em vocs. como *libertīnus, sororīnus* etc., pois os descendentes, sendo mais jovens, seriam normalmente considerados 'mais pequenos'; em português ocorrem diminutivos em *-ino -ina (pequenino -a)*, mas muito mais frequentes são os diminutivos em *-inho -inha (coelhinho, pedrinha)* — e *-zinho -zinha*, quando o primitivo termina em vogal nasal (*lãzinha*), em vogal tônica (*pazinha*) ou em ditongo (*mãezinha*); v. *-z-*. Raros são os diminutivos em *-im*, forma alterada do suf. *-ino*, por influência do francês *-in: fortim* (< fr. *fortin* < it. *fortino*) (DA CUNHA, 2011, p. 359).

Antônio Geraldo da Cunha mostra também como etimologicamente falando os elementos do grupo *-inol/-inho* (e suas formas femininas) e *-im* possuem a mesma origem sufixal latina. Entretanto, a produtividade apresentada por cada um é drasticamente diferente. No caso do livro, menos de uma dezena de ocorrências em *-im*, nenhuma em *-ino* e suas variações, e milhares de ocorrências em *-inho*.

Após a coleta final dos vocábulos, houve um segundo filtro em relação a quais ocorrências poderiam ter mais impacto nesta pesquisa, pois havia ainda centenas de palavras que, mesmo estando no diminutivo, ou mesmo usando algum sufixo mais culto e elevado ou de pouca produção lexical, eram bastante comuns. Muitas dessas inclusive já até incorporadas aos dicionários há muito tempo. Outras já foram ressignificadas e não

¹ A contagem de mais de 600 únicos vocábulos implica que para esta contagem não estão incluídas palavras repetidas nem variação de número, apenas gênero. Caso fossem incluídas a contagem ultrapassaria facilmente a casa dos milhares.

carregam mais a noção de pequenez em si. Alguns exemplos são: casa →² casebre (único vocábulo encontrado com sufixo diminutivo em *-ebre* no corpus selecionado); sapato → sapatilha; camisa → camisola. Dessa forma, para fins de pesquisa, consideramos como neológicos apenas aqueles vocábulos e termos não presentes em grandes dicionários da língua portuguesa, como o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

Todo esse levantamento foi feito e registrado em Excel, os vocábulos separados em planilhas conforme cada sufixo presente na língua portuguesa com valor de diminutivo. Nem todo sufixo diminutivo esteve presente no nosso corpus, como *-ichol/-icha* e *-oca*, pois mesmo não sendo sufixos eruditos como os sufixos *-ículo* ou *-únculo* eles são de extrema pouca produtividade e atualmente se encontram praticamente em palavras já concretizadas na língua, como *barbicha* e *engenhoca*, ambas também já sem mais valor diminutivo.

É importante notar que na entrada de *-ino*, *-ina* o sufixo é subclassificado como um sufixo nominal. Ou seja, um afixo que se une ao fim de palavras que pertencem a uma certa categoria específica à qual fazem parte somente os substantivos e os adjetivos. Entretanto, ao observarmos a real produção e criatividade dos diminutivos em português nota-se que frequentemente os diminutivos (como também os aumentativos) se unem também a palavras que não são nominais. Comumente há a união de diminutivos em pronomes, advérbios e até interjeições. O diminutivo pode também se juntar a um numeral e substantivá-lo, dando-lhe um significado além do valor quantitativo a ele antes empregado. São todas essas situações de grande valor de pesquisa, pois demonstram funcionamentos diferentes da língua até então descritos.

Em *Viva o povo brasileiro* não é diferente, pois, dentro dos limites da arte e da literatura, o livro busca representar, por meio de seus personagens, a fala do povo brasileiro.

Com o objetivo de facilitar a organização e ordenação dos verbetes expostos aqui nesta pesquisa, buscou-se agrupar os resultados em algumas outras subcategorias de derivação e produtividade ocorridas durante o livro.

Para a primeira categoria foi designado o verbete *suazinha*, encontrado no livro. Um dos motivos dessa seleção de verbete para esta pesquisa dá-se justamente no fato de, como já previamente mencionado, a sufixação de diminutivos ocorrer somente em união a substantivos e adjetivos. No caso, *suazinha* dá-se pela sufixação de um diminutivo em união a um pronome, especificamente falando um pronome possessivo.

² O símbolo → indica, de acordo com a direção da seta, que o vocábulo a seguir da seta deriva daquele que a antecede.

Podemos, obviamente, e devemos, traçar um paralelo na questão do funcionamento dessa palavra, pois mesmo sendo um pronome, seu comportamento na sentença e em relação à palavra à qual ela se relaciona é interessante. Frequentemente esse pronome vem descrito como um pronome adjetivo, por assumir função semelhante a um adjetivo verdadeiro, de acordo com a separação de classes gramaticais padrão.

Tabela 1: registro de *suazinha*.

Neologismo: suazinha
Estrutura morfológica: sua + z + inha (pronome pessoal + consoante de ligação + sufixo)
Tipo de unidade: derivação sufixal
Contexto: fala infantilizada de um adulto ao se direcionar a uma criança
Significado: pronome sua ganha um toque de carinho, implicando uma relação de afeto entre o falante e a pessoa ou objeto que o pronome está substituindo
Exemplo de uso: “[...] <i>Eu digo assim: meu nenenzinho, branquinho lindo, safadinho, dê bezinho aqui bem aqui em Martinazinha suazinha [...]</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 6465)

Fonte: a autora.

Embora *suazinha* ganhe posição de destaque nessa fala da personagem Martina, é relevante mencionar a presença extensa de diminutivos em quase toda palavra. Na verdade, de todas as palavras que normalmente podem se relacionar com sufixos diminutivos, apenas *lindo* não estava sufixado.

Aproveitando ainda a mesma fala, tão rica de produtividade no diminutivo, temos o verbete *bezinho*, que está designado à segunda categoria de resultados desta pesquisa. Na produção e criatividade lexical, muitas vezes nos deparamos com palavras cujos radicais são levemente alterados com o objetivo de o falante produzir um efeito diverso daquele que seria produzido se simplesmente tivesse dito a palavra em sua derivação padrão (no caso, *beijinho*). *Bezinho* produz um efeito de sentido e expressividade diferente de *beijinho*. A mudança sonora de /'bej.ʒu/ para /'be.zu/, e conseqüentemente a mesma mudança de radical nas versões causa um efeito no discurso do falante conhecido como *baby talk*. Esse tipo de discurso é também, como mostrado no exemplo, frequentemente marcado pela presença de diminutivos, o que explica a presença exacerbada na fala de Martina.

Tabela 2: registro de *bezinho*.

Neologismo: bezinho
Estrutura morfológica: bezo* + inho (substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: derivação radical e sufixal

Contexto: fala infantilizada de um adulto ao se direcionar a uma criança
Significado: variação de beijinho que produz uma sensação de fofura na fala
Exemplo de uso: “[...] <i>Eu digo assim: meu nenenzinho, branquinho lindo, safadinho, dê bezinho aqui bem aqui em Martinazinha suazinha [...]</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 6465)

Fonte: a autora.

Na pesquisa e no livro foram encontrados também outros registros cuja derivação sufixal ocorreu também em conjunto com alguma forma de derivação radical, como no exemplo anterior de *bezinho*, além de serem causados por diferentes razões e formas. Como segundo exemplo de um caso similar, temos em uso no livro a palavra *desgrachinha*. Porém, em vez de provocar uma sensação de infantilização da fala igual à sensação causada por *bezinho*, *desgrachinha* causa ao leitor ou ouvinte uma impressão de incultismo na fala, no discurso do falante. E é justamente essa ausência de erudição provocada na fala do personagem a intenção do autor de escrever esse registro dessa forma.

Tabela 3: registro de *desgrachinha*.

Neologismo: <i>desgrachinha</i>
Estrutura morfológica: <i>desgracha*</i> + <i>inha</i> (substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: derivação radical e sufixal
Contexto: fala marcada pelo extrato social menos erudito do falante
Significado: o mesmo que <i>desgracinha</i> , porém representa problemas e divergências na pronúncia do falante em relação à pronúncia padrão
Exemplo de uso: “[...] <i>frô do meu jaldim, ligria dó mô zistença, alents dó mô vivê, desgrachinha de coijuta safadosa [...]</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 6279)

Fonte: a autora.

Ao longo do livro houve também a ocorrência de criação de palavras pelo uso de derivação sufixal de diminutivo em conjunto com um processo de síncope e aglutinação. Para essa situação, damos dois exemplos ocorridos no livro.

Tabela 4: registro de *destamanhinho*.

Neologismo: <i>destamanhinho</i>
Estrutura morfológica: <i>deste</i> + <i>tamanho</i> + <i>inho</i> (contração de <i>de</i> (preposição) + <i>este</i> (pronome demonstrativo) + substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: processo de aglutinação com síncope e derivação sufixal
Contexto: representa a fala apressada e a queda natural de sílabas na fala mais casual

Significado: ênfase no fato do objeto descrito ser de um tamanho específico, no caso, pequeno, comumente ocorre junto com a gestualidade do falante representando fisicamente o tamanho do objeto tratado. No caso, se refere ao peixe cabeçudo, que costuma ser um peixe de grande peso e proporções, mas que no momento da fala do personagem, havia apenas unidades muito pequenas, muito menores do que o comum para essa espécie

Exemplo de uso: “[...] *um monte desordenado de lulas pequenas, siris caxangás de má qualidade, vermelinhos espinhentos, carrapatos miudinhos, cabeçudos destamanhinho [...]*” (RIBEIRO, 2014, pos. 3823)

Fonte: a autora.

Além de *destamanhinho*, outra ocorrência no livro é *unstantinho*, conforme descrito na tabela a seguir.

Tabela 5: registro de *unstantinho*.

Neologismo: unstantinho
Estrutura morfológica: um + instante + inho (artigo indefinido + substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: processo de aglutinação com síncope e derivação sufixal
Contexto: representa a fala apressada e a queda natural de sílabas na fala mais casual
Significado: um momento de duração indefinida, porém entendido pelo falante e pelo ouvinte que será rápido, ainda que não saibam quão rápido
Exemplo de uso: “[...] <i>Eu vou ver se ele vai embora unstantinho, aí eu explico a situação [...]</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 8305)

Fonte: a autora.

Em ambos os casos anteriores, *destamanhinho* e *unstantinho*, além do uso marcado do diminutivo na fala dos personagens, é relevante notar como essas palavras marcam também a fala natural das pessoas, pois é um processo comum e constante a queda e perda de sílabas e sons em muitas palavras, e são justamente esses processos de adição, subtração e transformação de sons nas palavras que são algumas das formas principais de criação de neologismos em uma determinada língua.

Outra marca muito interessante do diminutivo em português é a liberdade do falante em usar em um único vocábulo mais de um diminutivo, criando um efeito diverso do que teria se tivesse usado apenas um. Esse tipo de ocorrência é comum na fala do povo diariamente, e, como dito por Martins (2012, p. 147), “muitas vezes, a um mesmo lexema se acrescentam dois sufixos que se reforçam ou que contrastam, estabelecendo uma

combinação curiosa [...] dinheirinhozinho, senhorinhazinha, baronetezinho, fedelhozinho”. Assim, como exemplo no livro, temos:

Tabela 6: registro de *nhozinho-zinho-zinho*.

Neologismo: <i>nhozinho-zinho-zinho</i>
Estrutura morfológica: <i>nho + z + inho + z + inho + z + inho</i> (substantivo + consoante de ligação + sufixo + consoante de ligação + sufixo + consoante de ligação + sufixo)
Tipo de unidade: tripla derivação sufixal
Contexto: conversa entre duas escravas sobre o funeral de seu proprietário
Significado: exacerbação do uso do diminutivo provocando um efeito inverso do uso comum do diminutivo, que seria a expressão afetiva pelo meio da língua
Exemplo de uso: “ <i>Ah, Inácia, tu vai fazer o axexê do nhozinho-zinho-zinho, vai fazer as obrigações de defundo dele? Não vai. Então? Então deixa que eu faço! Larô-iê!</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 3511)

Fonte: a autora.

No caso de *nhozinho-zinho-zinho* temos um efeito interessante causado pela tripla repetição sufixal. Como dito, essa repetição sufixal pode provocar um reforço ou contraste, dependendo de como a palavra é produzida ou expressa. Uma tripla repetição, por consequência, pode aumentar ainda mais já o efeito causado por somente uma dupla repetição. *Nhozinho-zinho-zinho*, na fala da personagem, produz um efeito de sentido, mostra uma relação de afeto não-verdadeiro entre ela, a falante, e o objeto ou pessoal ao qual ela se refere. A falante produz uma fala afetuosa no diminutivo ao se referir ao seu senhor, seu *nhozinho*, porém extrapola essa falsa afeição usando vários diminutivos seguidos, indicando ironia em sua fala.

Um outro elemento interessante da língua portuguesa que ocorre com uma certa frequência é o adjetivo adverbializado, ou seja, é quando um adjetivo assume a posição e função de um advérbio, conectando-se ao verbo como se fosse um advérbio de modo. E, comportando-se então como um advérbio, é de comum entendimento que esse adjetivo se torna igualmente invariável, por ser essa a natureza dos advérbios. Entretanto, essa limitação não se aplica a uma palavra existente no corpus desta pesquisa.

Tabela 7: registro de *saltantinhas*.

Neologismo: <i>saltantinhas</i>
Estrutura morfológica: <i>saltante + inhas</i> (adjetivo + sufixo)
Tipo de unidade: adjetivo adverbializado e derivação sufixal

Contexto: descrição do narrador sobre as ações de algumas personagens
Significado: o modo de saltar, de ser saltante, porém de forma elegante e graciosa, além de dar pequenos e frequentes saltos
Exemplo de uso: “[...] <i>as negras moças, uma por uma, se soltaram da fila e deslizaram saltantinhas pelo terreiro como aves dos alagadiços patinando na flor-d’água [...]</i> ” (RIBEIRO, 2014, pos. 2539)

Fonte: a autora.

Por fim, uma outra forma de criatividade e produtividade lexical encontrada durante o livro com o uso de diminutivos foi o uso consciente da presença e ausência da consoante de ligação -z-, diferenciando *-inho* de *-zinho*. Adentrando brevemente nas regras morfológicas de quando utilizar a consoante de ligação -z- ou não, podemos afirmar que a princípio, de acordo com Antônio da Cunha, em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (2011, p. 688), “[...] o -z- tem por única função tornar eufônicos os derivados, desfazendo os hiatos [...] Em razão de seu emprego generalizado na formação de diminutivos em *-inho*, o -z- aglutinou-se ao sufixo, dando origem ao sufixo composto *-zinho* [...]”. Embora esteja escrito que essa é sua única função, além de desfazer hiatos, o -z- também é utilizado em proparoxítonas, quando há outras possibilidades de encontros vocálicos no final da palavra, quando o radical não possui vogal temática etc. Entretanto, como apresentado por Cunha (2011), o emprego constante de -z- + *-inho* concretizou na língua portuguesa o *-zinho* como um novo sufixo, permitindo-lhe sufixar-se a novas palavras.

Essa nova sufixação dá origem a inúmeros pares de palavras encontrados durante o livro, como *alminha* e *almazinha*, *folhinha* e *folhazinha*, *menininho* e *meninozinho*, *menininha* e *meninazinha*, *rostinho* e *rostozinho* etc. Alguns desses pares inclusive chegam a ter dezenas de ocorrências no livro, mostrando-se muito produtivos e relevantes.

Tabela 8: registro de *almazinha*.

Neologismo: <i>almazinha</i>
Estrutura morfológica: <i>alma</i> + <i>zinha</i> (substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: derivação sufixal
Contexto: descrição do narrador sobre um personagem identificado como <i>almazinha</i>
Significado: especificidade e individualidade de uma única alma que venha a ser pequena
Exemplo de uso: “[...] <i>E assim, uma bola azul elétrico invisível suspensa pelos muitos ventos que povoam o firmamento, a almazinha adiava e ansiava o instante em que se tomaria de perda paixão e se tornaria uma alma brasileira para todo o sempre [...]</i> ”

(RIBEIRO, 2014, pos. 463)

“[...] a almazinha do alferes lembrou de novo a luz de sua terra e de novo estremeceu de orgulho. E, como as alminhas desencarnadas não vivem no tempo, tudo para elas podendo ser presente, passado e futuro [...]” (RIBEIRO, 2014, pos. 1620)

Fonte: a autora.

Em ambos os trechos selecionados, temos a possibilidade de comparar diretamente na escrita de João Ubaldo Ribeiro a diferença semântica entre *almazinha*, *alminha* e *alma*.

Enquanto podemos entender que a relação *alma* e *alminha* seja parecida a muitas outras relações de substantivos e seus diminutivos no português, *almazinha* produz um efeito bastante diverso de *alminha*. *Almazinha* não é somente um diminutivo; além de, sim, produzir uma imagem de pequenez ao substantivo *alma*, também é capaz de produzir sensações de empatia e pena ao leitor. E, mais ainda, também dá individualidade à *almazinha*. O leitor é capaz de compreender que a *almazinha* é um personagem específico, com o qual ele se conecta e se emociona, enquanto a *alminha* é apenas é apenas uma alma pequena, que vaga por aí.

Embora não produza a mesma sensação de empatia e pena ao leitor que *almazinha* produz, *folhazinha* também cria esse efeito de individualidade do objeto tratado.

Tabela 9: registro de *folhazinha*.

Neologismo: folhazinha
Estrutura morfológica: folha + zinha (substantivo + sufixo)
Tipo de unidade: derivação sufixal
Contexto: Amleto tem dificuldades de identificar a natureza de uma folha específica e a separa do resto do grupo de folhinhas, tornando-a uma folhazinha
Significado: especificidade e individualidade de uma única folha
Exemplo de uso: <i>“Entre as folhinhas de cidreira apanhadas pelo coador de prata, uma estava embolada e empretecida, idêntica a uma mosca morta. Amleto arrepiou-se. Antes de gritar encolerizado, como já pretendia, resolveu examinar o objeto mais de perto, apesar da repugnância que lhe causava e dos engulhos que teria se fosse realmente uma mosca. Levantou o coador na direção da claridade da janela, apertou as lunetas no nariz, futucou a folhazinha com a ponta do cabo de uma colher”</i> . (RIBEIRO, 2014, pos. 6108-6114)

Fonte: a autora.

Novamente vemos a diferença semântica causada pelo uso de *-inho* e *-zinho* em um mesmo radical. Enquanto temos folhinhas como um grupo de pequenas folhas, como as folhinhas usadas para um chá, ou as folhinhas caídas no jardim, ou seja, ainda mantido o sentido de pequenez na palavra, *folhazinha* não possui esse sentido de pequeno necessariamente atrelado a si. Por mais que seja improvável imaginar uma *folhazinha* enorme e gigante, não é incomum uma *folhazinha* ser apenas uma folha de tamanho mediano, ou não tão pequeno. Isso acontece pois nesse caso o efeito causado pelo sufixo diminutivo é muito mais relacionado ao sentido de individualidade e unidade do objeto do que ao sentido de tamanho, de pequeno. No caso da *folhazinha* ocorrido no texto, há ainda um sentido de diminuição do valor da folha em específico, um desprezo, uma pequenez não do tamanho, mas sim da sua qualidade e validade como folha.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Herança linguística e cultural do latim, há séculos o diminutivo vem marcando sua presença na fala daqueles que se consideram falantes de português. Embora seja sabido que outras línguas românicas também usufruam em diferentes níveis do diminutivo, como o italiano e o espanhol, no português a produtividade lexical ocorrente em conjunto com as sufixações de diminutivo é extremamente alta.

Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, já dissertava sobre o efeito e a marca cultural do diminutivo brasileiro e, em específico, o diminutivo *-inho*.

A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade [...].

No domínio da linguística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração. Sabemos como é frequente, entre portugueses, o zombarem de certos abusos de nosso apego aos diminutivos, abusos tão ridículos para eles quanto o é para nós, muitas vezes, a pieguice lusitana, lacrimosa e amarga. Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito (DE HOLANDA, 1995, p. 148).

Vemos dessa forma há anos, décadas e até séculos como culturalmente a maneira de falar e de expressar-se dos brasileiros é moldada pelo diminutivo e, conseqüentemente, nossa maneira de estabelecer intimidade com o outro, como bem disse Sérgio Buarque de Holanda (1995).

Ao longo deste trabalho surgiram levantamentos como: por que os neologismos interessam para a etimologia? Eles indicam mudanças ou tendências de formação de palavras no português brasileiro? Se sim, como?

A partir desses levantamentos e da pesquisa com base neles realizada, concluiu-se que sim, os neologismos interessam para a etimologia, mas mais do que isso. Os neologismos são um produto direto da evolução da língua, e é justamente essa evolução, isto é, essa mudança semântica, morfológica, fonológica e fonética que é o interesse da etimologia.

Com base nos dados levantados e nas análises feitas também foi possível observar que, ao menos em algum grau, os neologismos indicam mudanças como também indicam tendências de formação de palavras. Na verdade, em conformidade ao que diz Alves (2004), pudemos analisar e concluir que desde o início do português a maneira de produzir-se neologismos é ainda a mesma, ou seja, a derivação.

Os mecanismos de produtividade léxica usados contemporaneamente são os mesmos que serviram para o desenvolvimento da língua portuguesa no decorrer do tempo: recursos autóctones, sobretudo a derivação [...].

A unidade lexical neológica pode ser criada por razões estilísticas e, nesse caso, contribui para causar efeitos intencionais - estranhamento, ironia, cor local... - em uma mensagem. Além do efeito estilístico, o item léxico recém-criado denomina também novas realidades e novos conceitos (ALVES, 2004, p. 86).

Alves (2004, p. 87) ainda conclui que “o estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade”. A mudança de uma língua é a mudança de uma sociedade.

Com base nisso, neste trabalho foi possível notar como o falante brasileiro domina e usa de sua criatividade para produzir as mais diversas palavras e sentidos com os sufixos do português que dão o efeito de diminutivo. Sérgio Buarque de Holanda, de forma sumária, já havia descrito algumas das principais formas de uso desse sufixo. Aqui pudemos ir um pouco além, e mostrar outros usos e, principalmente, novas palavras, novas criações e novos sentidos para esse mesmo sufixo.

A língua é um objetivo vivo, em constante mudança, cheia de esquecimentos, manutenções, revitalizações e, principalmente, criações. Novas construções, novas formas de falar, novas palavras e novos sentidos a formas já existentes. Embora antigo, o *-inho* (e agora também o *-zinho*) continua mais produtivo do que nunca, sendo frequente na fala de

todos os falantes brasileiros de diversas épocas e relevante ainda na atualidade, sendo, dos sufixos diminutivos, o mais criativo.

Finalmente, ressalta-se como sempre haverá a necessidade de constantes estudos sobre novas palavras em uma determinada língua, pois, se novas palavras representam novas visões da sociedade, novos pensamentos e novas realidades, a pesquisa sobre neologismos é, na base, a pesquisa sobre a própria sociedade em si. Como diz Viaro (2014, p. 181), “o estudo das etimologias sempre despertou forte interesse e fascínio da parte de todos, tanto de estudiosos de letras quanto de pessoas de outras áreas”.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DA CUNHA, Antônio. **Dicionário Etimológica da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Lexikon Editora, 2011. E-book.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTINS, Nilce. **Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014. E-book.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

_____. **Manual de etimologia do português**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo Livros, 2014.

Contatos: aurora.vianads@gmail.com e ronaldo.batista@mackenzie.br